CAPÍTULO UM



Tallulah Aydin nunca tinha visto gotas de sangue voarem pelo ar com tanta graciosidade.

Ela virou o telemóvel de lado e ampliou o vídeo com os melhores momentos do hóquei para ecrã inteiro, carregando no botão do volume para ouvir a voz do comentador.

Abraham com a cotovelada cruel no nariz de O'Hanlon. Oh, céus. Alguém chama o treinador. O O'Hanlon acabou de aprender da maneira mais difícil o que já sabemos há anos. Os jogadores arriscam ossos e cartilagens quando entram no território de Sir Savage, como ele acabou de provar mais uma vez esta noite…

Tallulah saiu do vídeo e pousou o telemóvel, com uma sensação de náusea no estômago.

Esta tarde, começaria a morar em casa do jogador de hóquei homicida desse mesmo vídeo do SportsCenter. Sir Savage. Se os deuses do algoritmo não tivessem reconhecido assustadoramente a sua localização como sendo Boston e colocado no seu caminho aquele excerto do jogo de pré-temporada da noite anterior, ela já teria saído da loja de batidos e entrado no edifício histórico com porteiro do outro lado da rua para começar a trabalhar como *au pair* da sua filha adolescente.

Ela tinha acordado este trabalho há *meses*. Na altura, a ideia não parecia tão enervante. Agora, porém, o assento de plástico branco onde estava estacionada há mais de uma hora estava rapidamente a fazer padrões de rede na parte de trás das suas pernas. Os liquidificadores zumbiam-lhe nos ouvidos. Não conseguia levantar-se e atravessar a rua. O que

era irritante, tendo em conta que tinha acabado de passar um ano na Antártida a estudar os hábitos migratórios do pinguim-de-adélia.

Um emprego de ama devia ser canja, certo?

Graças a uma reviravolta do destino, tinha conseguido um lugar chique para viver em Beacon Hill enquanto fazia o mestrado em Biologia Marinha na Universidade de Boston. Em troca, tudo o que tinha de fazer era tomar conta de uma menina de doze anos já autossuficiente, enquanto o pai aparentemente saía e esmagava narizes perfeitamente bons no gelo.

Era esta última que a mantinha colada à cadeira desconfortável.

Tallulah pegou no copo de papel que continha o seu café expresso com manteiga de amendoim e reparou que a sua mão estava a tremer muito ligeiramente. Revirou os olhos com impaciência e pegou no copo, engolindo o que restava do seu batido. O tipo atrás do balcão ouviu obviamente o som de vácuo que vinha da palhinha de papel e lançou-lhe um olhar à Boston. Cabeça inclinada, impaciente, uma sobrancelha levantada. Tipo, *já acabaste ou queres lamber o dispensador de guardanapos também?*

Ela já tinha ultrapassado o tempo de permanência no Joyful Juicer.

Mensagem recebida. Tallulah levantou-se, dirigiu-se ao caixote do lixo e deitou fora o copo antes de voltar para a mesa e agarrar na pega da mala. Olhando através da janela da loja para o edifício de tijolo de dez andares do outro lado da estrada, sentiu o seu estômago descair algures até à zona dos joelhos. Em teoria, não tinha qualquer razão para o alarme que lhe percorria as costelas.

Afinal de contas, os seus melhores amigos, Wells e Josephine, tinham dado o seu aval ao capitão da equipa dos Boston Bearcats, Burgess Abraham, também conhecido como Sir Savage. Ele não tinha qualquer registo criminal que ela pudesse encontrar na internet. Na realidade, era conhecido por ser um terror no gelo, mas estoico e razoável quando entrava no balneário. Como ela constatou no tempo que passou a assistir a entrevistas pós-jogo dele com o seu cabelo preto suado colado à testa, os seus olhos azuis intensos enquanto considerava cada pergunta como se a resposta fosse profundamente importante.

E não, ela não tinha procurado propositadamente por entrevistas sem camisa, já agora.

Apareceram como uma *sugestão de* pesquisa no Google. Ela não podia simplesmente ignorar aquele tipo de providência divina do motor de busca. Seria irresponsável. Nem podia ignorar os ombros suficientemente musculados para acomodar um par de morsas bebés — e elas eram bem *pesadas*.

Mas, neste momento, quando estava uma hora atrasada para chegar à *penthouse* de Burgess para conhecer o seu novo espaço e rever os pormenores do acordo, tudo o que conseguia ver era aquele cotovelo brutal a cortar o ar, a expressão de malícia que o acompanhava.

Como se espreitasse para dentro de alguma parte oculta do homem?

Aceitar este trabalho parecera uma excelente ideia quando conheceu Burgess naquele torneio de golfe na Califórnia, no verão passado. Mas ela não devia ter sido tão impulsiva quando se tratava de algo tão grande, como ir viver em casa de um homem que mal conhecia. Um homem que podia ter todo o tipo de problemas à espreita. Pela sua experiência, os homens podiam ter maneiras suaves, encantadoras até, à superfície. Tranquilos, amigáveis.

Também podiam ser vulcões adormecidos à espera do momento certo para entrar em erupção.

Ignorando o suspiro do homem atrás do balcão, Tallulah voltou a sentar-se.

Morar com este quase estranho fora uma má ideia. Um erro de julgamento.

Felizmente, *ainda* não se tinha mudado. Se ia mudar de ideias, tinha de ser agora. Antes que perdesse um tempo valioso que Burgess poderia usar para encontrar uma nova *au pair*. Ela podia ficar num hotel esta noite e usar o dia de amanhã para analisar a possibilidade de apartamentos partilhados. Com outras mulheres. Os apartamentos, provavelmente — não, *definitivamente* —, não seriam em bairros tão bonitos como este, nem seriam *penthouses*, mas pelo menos ela poderia dormir à noite.

Decisão tomada, Tallulah tirou o telemóvel do bolso da frente do seu blusão e preparou-se para ligar ao defesa dos Bearcats. Ser tão pouco

profissional com isto irritava-a. Devia quebrar o acordo pessoalmente. Mas e se ele reagisse mal? Se ficasse chateado?

Um telefonema era melhor. Mais seguro.

Antes que Tallulah pudesse ligar, uma campainha soou por cima da porta.

E o próprio Burgess Abraham entrou na loja de batidos.

Caramba, ela tinha-se esquecido de como ele era… corpulento. Um metro e noventa, mais coisa menos coisa. Alto e espadaúdo. E de cabelo grisalho. Sir Savage tinha entrado na segunda metade dos seus trinta anos e já tinha uma pitada de sal e pimenta na sua barba preta, nas têmporas. Caminhava com uma confiança controlada. Não era o passo de um homem que precisava de ser notado. Ou temido. Uma mão no bolso, a outra solta ao lado do corpo, olhos para a frente, sem pressa, mas orientado para um objetivo. Não se deu ao trabalho de parar na caixa registadora para pedir, apenas fez sinal ao empregado com uma saudação.

— O costume, Savage? — O homem dos batidos começou a trabalhar, atirando fruta congelada para a misturadora transparente, acrescentando sumo e três colheres cheias de proteína em pó. — Vivo na esperança de que um dia venhas cá e experimentes algo novo.

— Gosto do que gosto — murmurou Burgess, franzindo o sobrolho para o ecrã do telemóvel.

Estaria ele a ver se ela tinha ligado?

Provavelmente. Ela estava agora sessenta e sete minutos atrasada.

Com um arrepio interior, Tallulah tocou em chamar e encostou o telemóvel ao ouvido. Quando o aparelho começou a zumbir na mão de Burgess, sentiu um arrepio nas costas. Deixou cair o telemóvel ao lado do corpo e olhou para a frente por um momento, depois para o telemóvel, tossindo. Rodou um ombro. Ela só conseguia ver o perfil dele, mas os seus lábios moveram-se ligeiramente como se ele estivesse a praticar a saudação — e foi aí que Tallulah se lembrou da razão *por que* tinha concordado em aceitar o trabalho de *au pair* com alguém que mal conhecia.

É óbvio que o tempo tinha apagado a memória de Burgess.

Havia qualquer coisa na sua energia que parecia… segura.

Muito segura.

Protetora.

Juntamente com a fé dos seus amigos em Burgess, ela confiou no seu instinto.

Seria uma pena quebrar o acordo. Mas era melhor assim. Não havia garantias de que ele seria sempre civilizado fora do gelo. Wells e Josephine podiam acreditar piamente no bom caráter de Burgess, mas Tallulah já tinha feito o mesmo com pessoas ao longo da sua vida e tinha-se queimado quando o verdadeiro «eu» delas fora revelado.

Nunca se sabia.

Tallulah observou enquanto Burgess tocava no ecrã e encostava o telemóvel ao ouvido, tapando o ouvido oposto com o dedo para abafar os gemidos do liquidificador.

— Olá — disse ele, olhando atentamente para o chão. — Tallulah.

Era melhor ignorar o arrepio quente que lhe subiu pela parte interna das coxas quando ouviu o seu nome na versão de barítono grave. A culpa seria da recente falta de qualquer coisa que se assemelhasse a uma vida sexual.

Ver pinguins a acasalar não contava.

— Olá, Burgess — respondeu ela, esperando que ele também registasse os sons de liquidificador no fundo da sua chamada. Quando ele o fez, o seu olhar foi para onde Tallulah estava sentada, com um grunhido a roçar-lhe o tímpano.

Ambos terminaram a chamada, olhando um para o outro em lados opostos da loja de batidos.

Era muito difícil perceber o que Burgess estava a pensar. Mas ele *estava* a pensar. Muito. Os intuitivos olhos azuis dele viajaram entre ela e a mala, com uma ligeira ruga a instalar-se entre as suas sobrancelhas, embora o resto da sua expressão permanecesse gravada em pedra.

Sem tirar a atenção de Tallulah, Burgess estendeu a mão e aceitou o seu batido no balcão, e aquela competência casual era… perigosamente atraente. Estava tudo a assomar à sua memória. A faísca quente de atração que sentira por este homem todos aqueles meses atrás. Ela tinha voado para a Califórnia, em modo surpresa, para o aniversário da sua melhor amiga, Josephine. Burgess estava presente como espectador no

mesmo torneio de golfe em que o seu amigo, Wells Whitaker, competia com Josephine como *caddie*. Levara também a sua filha, Lissa.

Inesperadamente, os cinco acabaram por almoçar; e quando Burgess se sentou ao lado dela à mesa, ela foi apanhada desprevenida pelas faíscas que se agitaram dentro dela, com mais persistência de cada vez que a voz dele fazia aquele som grave e estrondoso. Não havia razão para questionar a sua calma exterior enquanto almoçava com outras pessoas, mas ela não podia ignorar a sua atual apreensão perante a perspetiva de estar sozinha com ele. Num apartamento. Dia após dia. Sabendo que ele era capaz de partir o nariz a alguém com a rapidez de um espirro.

Quando Burgess se aproximou da mesa, o som das suas botas estava abafado, as palmas das mãos dela ficaram encharcadas, mas ela também não conseguiu deixar de reparar na forma como as coxas do Deus do Trovão eram quase demasiado robustas para as calças de ganga. Ele usava uma camisola azul-marinho larga, como um homem a meio de um domingo descontraído, e ela perguntou-se se ele teria esticado o decote para mostrar os ângulos afiados da sua garganta e clavícula.

O instinto disse-lhe que não. Que ele apenas a tinha enfiado.

Mas os instintos nem sempre eram suficientes quando se tratava de homens, certo?

Quando Burgess estava a cinco passos da mesa, Tallulah levantou-se com o sorriso mais brilhante que conseguiu reunir e estendeu a mão para um aperto.

— Burgess. Que bom voltar a ver-te. — Ela pressionou os dedos dos pés nas solas dos seus botins quando as suas mãos se juntaram, aspereza em suavidade, torcendo a planta do seu pé no couro macio, porque o choque entre a consciência e o receio era tão peculiar. E barulhento. Ela conseguia ouvir-se *a engolir em seco*.

Caramba, ele era alto. Aparência severa, comportamento reservado. Tão confuso.

— Desculpa, mas, infelizmente não vou poder aceitar o lugar de *au pair*, afinal.

CAPÍTULO DOIS



— Desculpa, mas, infelizmente não vou poder aceitar o lugar de *au pair*, afinal.

Burgess estava tão ocupado a tentar controlar a sua reação física a esta mulher que as palavras quase não lhe chegaram ao cérebro. Aquela frase tinha muitos obstáculos para ultrapassar, a começar pela forma como o cheiro dela lhe atingiu os sentidos, como um disco no queixo. Há uns anos, ele tinha sido obrigado a ir ao casamento de um dos seus colegas de equipa e eles tinham bebido um *cocktail* especial. Sentiu-se como um ogre a segurar o ridículo copo de cristal entre o polegar e o indicador para o brinde, mais ou menos como se costumava sentir nas festas de chá com Lissa, mas o sabor da bebida fora suficientemente invulgar para lhe ficar na memória.

Laranja-sanguínea e manjericão.

Era a isso que Tallulah cheirava. Fresca e sensual.

Enquanto apertavam as mãos — e, aparentemente, ela tinha dado o aviso de despedida antes mesmo de começar —, ele sentiu o sabor da laranja no fundo da garganta. E por falar em garganta, não conseguiu tirar os olhos da dela, porque ela parecia estar a ter muita dificuldade em engolir, se o nó visível por baixo do queixo fosse algum sinal. A palma da mão dela também estava um pouco húmida, o que não incomodava Burgess, um homem que passava horas todas as semanas rodeado de atletas suados e dos seus fedores, muitas vezes pútridos. O guarda-redes

deles tinha uma meia da sorte que não lavava durante as épocas de vitórias. A palma suada era um prazer.

Mas porque é que *ela* as tinha suadas?

O encontro deles na Califórnia tinha-se desenrolado em três fases.

Uma: ele tinha sido apanhado desprevenido pela beleza dela. A forma amendoada dos seus olhos castanho-profundo, emoldurados por extensas sobrancelhas negras e repletos de inteligência, curiosidade e bondade. O brilho bronzeado da sua pele, a forma como enrugava o nariz para reconhecer o ponto de vista de alguém. Toda ela. Mais tarde, descobriu que ela era de origem turca e que tinha nascido em Istambul, onde a sua família ainda residia… e pesquisou no Google se jogavam ou não hóquei na Turquia, sentindo-se imediatamente um idiota.

Segundo: tinha ficado ainda mais surpreendido com o sentido de humor dela e com a sua capacidade de se relacionar tão facilmente com a filha dele, o que não era fácil. Aliás, estava a considerar contratar um treinador de pais. Hoje em dia, a miúda ou o ignorava completamente ou chorava histericamente.

Três: apercebeu-se de que Tallulah era onze anos mais nova do que ele, uma futura estudante de pós-graduação que tinha planos para se inserir na cena social de Boston — portanto, o seu oposto polar — e categorizou-a imediatamente como alguém que seria inapropriado para ele perseguir romanticamente.

No entanto, rotulá-la de fora dos limites não o impediu de lhe oferecer um quarto e um emprego no seu apartamento. A sua impulsividade pouco caraterística naquela tarde seria uma discussão para outro dia. O assunto em cima da mesa era o facto de ela já ter decidido demitir-se — e depois de passar uma semana a debater se uma aspirante a bióloga marinha preferia as suas almofadas firmes ou moles, ele queria saber porquê.

Burgess pousou o seu batido Protein Avalanche e sentou-se à mesa de Tallulah, esperando que ela se sentasse à sua frente. Ele considerou a rigidez dos ombros dela, a forma como continuava a agarrar a pega da mala e decidiu que não gostava de nada daquilo.

Com um rápido aclarar de garganta, inclinou-se para a frente, cruzando as mãos sobre a mesa.

— Fizeste as malas e vieste até à minha loja de batidos antes de decidires desistir. O que aconteceu?

Ela sentou-se lentamente, humedeceu os lábios, com os olhos a pousarem brevemente no telemóvel.

— Preferia não dizer.

— É por causa do bairro? Não gostas dele?

— O bairro é lindo — declarou ela, olhando pela janela para o The Beacon, onde ele morava no último andar. — O edifício também é lindo. Começo a arrepender-me de ter escolhido Biologia Marinha em vez de hóquei profissional.

O seu grunhido passou por uma gargalhada. Esta era a pessoa de que se lembrava do almoço. Direta e inteligente. Um pouco autodepreciativa. Extremamente única. *Devia deixá-la desistir. Seria mais fácil para a minha sanidade mental não ter esta linda rapariga a dormir debaixo do meu teto.*

Ou pelo contrário?

— Então qual é o problema? — perguntou Burgess. — Não queres ser a ama da Lissa?

— Não, não é nada disso. A Lissa é uma querida e mal precisaria de mim; já é tão crescida. — Ela acenou com a mão e os olhos dele fixaram-se nas simples pulseiras de prata que contrastavam com o bronzeado natural dos seus dedos. — Fizeste-me uma oferta tão generosa. E o Wells e a Josephine falam tão bem de ti. A sério.

Burgess tirou a tampa do seu batido, bebeu um gole e esperou.

— Teria todo o gosto em ajudar-te a encontrar outra pessoa. Tenho a certeza de que as pessoas me espezinhariam para conseguir este lugar. É uma espécie de sonho tornado realidade — disse ela, oferecendo-lhe um sorriso brilhante, com uma covinha a aparecer na maçã do rosto. Caramba, ela era… uma combinação muito inquietante de sensualidade e beleza. Tinha umas longas ondas no cabelo preto que quase lhe chegava aos cotovelos, onde os apoiava na mesa, abraçando-os quase… nervosamente?

O cabelo funcionava como um escudo para o seu corpo, que por acaso era a parte atraente da equação. Por isso, era provavelmente bom que ele não conseguisse ver muito do outro lado da mesa, porque já estava a ter dificuldade em concentrar-se com laranjas-sanguíneas a

fazer sumo no seu cérebro e cada movimento descendente das pestanas dela a tornar os seus pensamentos confusos. Tinha sido assim na Califórnia. Um mísero almoço tinha levado a meses a olhar para o espaço a tentar lembrar-se da tonalidade exata dos olhos dela.

Mantém-te no caminho certo.

— Se um lugar como minha ama é tão cobiçado, porque é que não o queres?

Ela respirou fundo, apertou mais os cotovelos. Observou-o atentamente, como se estivesse a avaliar a sua reação.

— Estou nervosa com a possibilidade de viver com um homem que não conheço muito bem.

Embora a resposta dela lhe tenha provocado uma reviravolta desagradável no estômago, ele pressentira uma explicação difícil desde o momento em que a tinha visto do outro lado da loja de batidos. Algo na forma como ela se preparou quando ele se aproximou tinha-o alertado. Sentia-se insultado? Não. Na verdade, sentia-se como um idiota por não ter considerado antes que ela poderia estar hesitante em viver com um estranho. Aparentemente, Tallulah também não o considerara.

Até ao dia em que o seu emprego ia começar.

Burgess começou a perguntar a Tallulah se a súbita mudança de opinião resultava de um medo saudável de estranhos ou de outra coisa qualquer, mas o seu telemóvel tocou com uma mensagem de texto. Murmurando um «desculpa» deslizou um dedo pelo ecrã.

Carregou num ícone.

Apareceu um vídeo que ele reconheceu demasiado bem.

Porque o seu agente lho enviara nessa manhã.

Aparentemente, o seu tiro no nariz de O'Hanlon tinha-se tornado viral.

Teria sido… *essa* a razão pela qual Tallulah parara na loja de batidos? Sim. A resposta era óbvia. Estivera a ver o vídeo antes de ele chegar. Isso significava… que ela tinha *medo* dele?

— Desculpa — disse ela, mexendo no telemóvel para abrir as mensagens. — Enganei-me na aplicação.

— Tallulah, eu vi-o. O vídeo. — Ele preparou-se para a conversa que tinha pela frente. Ela podia ter medo dele. Essa possibilidade

assentou-lhe no peito como um peso de meia tonelada. — É isso que se passa aqui? Viste um vídeo de um jogo de pré-temporada e isso… deixou-te nervosa? Em relação a mim?

Ela levou um momento para responder.

— Os meus instintos dizem-me que será seguro viver contigo, mas tenho dificuldade em confiar nos meus instintos quando se trata de homens. Por outras palavras, não confio. O meu instinto nem sempre é exato. E pensei que bastava que o Wells e a Josephine confiassem em ti, e foi assim que consegui chegar a esta loja de batidos com cadeiras horríveis. Mas o vídeo… acho que me fez lembrar de que as pessoas nem sempre são o que parecem.

— Estou a ver. — A explicação dela encheu-o de uma sensação de pavor, mas ele manteve as mãos soltas sobre a mesa, apesar da vontade de as fechar em punhos. Será que Tallulah tinha tido uma má experiência com um homem? Parecia que sim. E naquele momento, ao olhar para os seus olhos honestos, Burgess soube que, se descobrisse quem era, um nariz partido seria um prazer comparado com o que ele lhe faria. — A forma como jogo hóquei não é uma indicação de quem sou na vida real. Acho que o mesmo se pode dizer de qualquer jogador. É o desporto. Por vezes é brutal.

— Eu sei disso. Eu sei — disse ela rapidamente, humedecendo os lábios. — O vídeo não é a razão pela qual estou a recusar o trabalho. Foi mais… um estímulo. Para eu dar um passo atrás e examinar as minhas escolhas. Às vezes tomo decisões impulsivas e arrependo-me delas mais tarde. Como agora.

— Que tipo de decisões impulsivas tomas?

— Pedir um batido de manteiga de amendoim e café expresso com o estômago vazio, por exemplo.

Burgess não conseguiu esconder a sua incredulidade.

— Jesus Cristo, pediste isso? Pensava que estava no menu como piada.

— Devia estar — disse ela, sentindo a testa com a parte de trás do pulso. — Sinto-me como se estivesse encostada a uma vedação eletrificada.

— Tremores de cafeína — murmurou ele.

Ela olhou em volta.

— É suposto estar tudo a brilhar?

Um riso baixo soltou-se da garganta dele, um pouco como o ruído de um motor. O som rouco fez com que ela olhasse para cima, estabelecendo contacto visual. E ficaram assim durante vários segundos. Ela, curiosa; ele, triste. Só desta vez, porque é que ele não podia ter guardado o raio do cotovelo para ele?

— Eu não diria que alguém que estudou pinguins na Antártida durante um ano é impulsivo — disse Burgess, sabendo que era patético tentar prolongar o seu tempo com ela, mas não conseguiu evitar. — Eu chamar-lhe-ia aventureiro.

— Ficarias surpreendido — respondeu ela.

— Ficaria? Põe-me à prova.

Ela tocou com um dedo nos lábios, como se estivesse a decidir se devia ou não interromper a conversa e ir embora. Ou ficar e alegrar a tarde dele um pouco mais.

— Eu adoro aventura. Em teoria, pelo menos. Costumava adorar experimentar coisas novas — começou ela, lentamente. — Mas no caso da Antártida, estava a jogar pelo seguro. Viver num centro de investigação isolado e ao frio, onde me sinto mais em casa. Ver as mesmas cinco caras todos os dias. A repetição familiar da investigação. Documentar. — Fez uma pausa, olhou para a mesa. — Antes disso, vivi num barco durante seis meses, a estagiar numa iniciativa de conservação de recifes de coral no México. Antes disso, nas Seychelles. Na verdade, tenho estado escondida.

Sabendo que a sua voz não soaria natural se falasse de imediato, ele engoliu com força duas vezes antes de perguntar:

— De quê?

— Acho que é melhor ir embora.

Burgess forçou-se a aceitar a escolha dela com um aceno de cabeça rígido.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para te fazer mudar de ideias sobre aceitar o trabalho, Tallulah?

— Não. — Ela apertou os lábios numa linha fina. — Mais uma vez, desculpa por fazer isto em cima da hora. Mas, como já disse, ajudo-te a encontrar uma substituta.

Burgess optou por ignorar a oferta por agora. Resolveria um problema de cada vez.

— Qual é o teu plano a partir de agora?

— Arranjar um quarto de hotel para esta noite. Amanhã, visitar alguns anúncios de partilha de apartamentos.

Instantaneamente, ele não ficou fã do plano. Deixava demasiadas coisas ao acaso.

Burgess não tinha o direito de opinar sobre o que Tallulah fazia. Não tinha nada a dizer. Ela era uma adulta que, obviamente, não tinha problemas em proteger-se. Infelizmente, havia um zumbido protetor no seu peito que se tornava mais alto à medida que olhava para ela. Tallulah era a melhor amiga da futura mulher do seu melhor amigo, certo? Poder-se-ia argumentar que ele estava a zelar pela segurança dela.

Como um favor.

Claro.

Ele vivia em Boston há quinze anos e conhecia a cidade melhor do que ninguém. E a ideia de ela se instalar num lugar para viver que fosse menos seguro do que The Beacon não lhe agradava. De todo. Pensou na sua filha. Em como gostaria que Lissa fosse tratada quando crescesse e se tornasse independente, vulnerável ao mundo. Não queria que um jogador de hóquei esgotado entrasse na vida dela como uma espécie de protetor. Não, a não ser que ela o pedisse primeiro.

Imagina esta linda mulher a pedir-te para seres o seu protetor.

Burgess engoliu com força.

— Qual seria a situação ideal para ti?

Ela pareceu surpreendida com a pergunta.

— Hum… bem. Num mundo perfeito, eu estaria a viver com a Josephine, mas o teu amigo golfista rabugento foi lá e roubou-ma. — Os seus lábios contorceram-se com isso. — Considerando que isso não é uma opção, vou procurar outra estudante que esteja a alugar um quarto num bairro com boas opções de transporte. Como já estamos no final de setembro, posso ter alguma dificuldade em arranjar um sítio decente, mas normalmente tenho sorte com este tipo de coisas.

— Tens um orçamento?

— Não é propriamente gordo, porque tenho estagiado por pouco dinheiro. Mas posso pagar setecentos por mês por um quarto. Durante

uns tempos. Depois, num futuro próximo, vou precisar de arranjar um trabalho de assistente de laboratório para repor as minhas poupanças.

Ele quase estremeceu, mas em vez disso acenou com a cabeça.

Setecentos dólares não a deixariam num lugar seguro em Boston.

Mesmo que ela conseguisse encontrar um quarto, provavelmente seria do tamanho de uma despensa

— O que foi? — perguntou ela.

Burgess não conseguiu impedir-se de interferir, apesar de ela querer claramente afastar-se dele. Não devia questionar isso. Devia deixá-la. Mas não podia libertá-la para o mundo selvagem do imobiliário de Boston. Nem podia imaginar um mundo onde esta seria a última vez que veria Tallulah. Se houvesse uma forma de a vigiar sem estar constantemente em cima dela, não deveria tentar? Para a segurança dela e para a sua própria paz de espírito?

— Conheço alguém que tem um quarto para alugar — disse Burgess antes que pudesse envergonhar-se de a deixar voar livremente. — Num prédio como o meu, mas em North End. O meu colega de equipa alugou uma casa para a filha da sua futura madrasta.

Tallulah sentou-se mais direita.

— Oh. Quanto é a renda?

— Está ao teu alcance.

Ela semicerrou os olhos, demonstrando ceticismo.

— Tens a certeza?

— Sim — mentiu ele, totalmente preparado para pagar do seu próprio bolso a diferença entre setecentos dólares e qualquer que fosse o valor astronómico da renda. — Vou falar com o meu colega de equipa e enviar-te a informação, mas Tallulah… — *OK*, esta parte não fora planeada. As palavras simplesmente fluíram, impelidas pela intuição de que não voltaria a ter esta oportunidade. — Se mudares de ideias e quiseres morar em minha casa, farei o que for preciso para te sentires segura. Está bem? Instalo fechaduras na porta do teu quarto e dou-te a única chave. Mas… não comprometas a tua segurança. Acho que não conseguiria dormir à noite sabendo que a comprometeste por minha causa. — Sabendo que já tinha insistido o suficiente, Burgess levantou-se,

pegando relutantemente no seu batido e tentando não ser óbvio sobre a memorização do rosto dela, só para prevenir. — Boa sorte.

Ela olhou para ele com ar de espanto.

— Obrigada.

Burgess grunhiu e saiu, esperando ter dito a coisa certa a uma mulher por uma vez… e rezando, como um autêntico sacana, para que não fosse a última vez que se cruzassem. Assim que chegou ao outro lado da rua, tirou o telemóvel do bolso e ligou para Sig Gauthier, central dos Bearcats e um dos poucos colegas de equipa que conseguia tolerar fora do gelo. A maior parte do tempo, pelo menos.

— Olá, meu — disse Sig, bocejando para o telemóvel. — O que foi?

— Não alugaste uma casa à Chloe em North End? — perguntou Burgess, referindo-se à filha da futura madrasta de Sig.

O ranger das molas da cama soou quando Sig se sentou.

— Sim. Ela está habituada às coisas mais finas, por isso encontrei um sítio onde ela se sentiria confortável. — Ele riu por baixo da respiração, soando quase carinhoso. — Mas não me apercebi de quanto custa o conforto quando se trata da Chloe.

— O que queres dizer com isso?

— Fizemos um acordo… ela pagava metade da renda. E pagou. *Uma vez.* Entretanto, vou lá e ela tem dezoito mil milhões de sacos da Sephora enfiados no caixote do lixo. Sabias que as raparigas põem *primário* na cara? A base já não é a base. Está fora de controlo.

— Jesus. A Lissa tem andado a pedir para ir à Sephora ultimamente.

O riso de Sig quase lhe rebentou o tímpano.

— Bem-vindo ao princípio do fim, meu.

Burgess grunhiu enquanto dava um gole forte no seu batido.

— A Chloe dá festas? Como são as amigas dela?

Fez-se uma longa pausa.

— Porque perguntas?

— Responde apenas.

Sig soltou um suspiro.

— Ela não é de festas. Acho que não podes pagar a *happy hour* quando todo o teu dinheiro está a ser canalizado para a indústria da beleza.

— Nada de namorados duvidosos? Nada de drogas?

— Achas que eu deixava um marginal qualquer andar com a *Chloe*? — gritou o central. — Não. Nada disso. E nada de drogas. Anda no último ano do conservatório. Devias ouvi-la tocar harpa, meu, ela é… — Sem ver Sig na vida real, sabia que o tipo estava a gesticular descontroladamente, da mesma forma que fazia quando discutia com o árbitro. Quem se aproximava sorrateiramente de Sig enquanto ele estava a contar uma história, arriscava-se a levar um enxerto de porrada. — Esquece. De que é que isto se trata?

Uma das vantagens de ser capitão de equipa era que Burgess não tinha de responder às perguntas de ninguém. Era, talvez, a melhor parte de ter esse título.

— Talvez a Chloe conseguisse pagar metade da renda se arranjasse uma colega de casa.

— Já lhe disse isso.

— Quanto é a renda da casa?

— Cinco mil. Até parece que vem com um maldito mordomo.

Era exatamente isto que Burgess receara. Mas nada que não pudesse ser resolvido. Honestamente, ele daria dez vezes essa quantia para saber que Tallulah tinha um sítio seguro para viver.

— Então a colega de casa deve pagar 2500?

— Sim. Tem um bom quarto. Tem luz solar. Espaço no armário.

— Ótimo. — Burgess reprimiu a vontade de se virar e olhar para trás, para a loja de batidos. Seria esta a sua última oportunidade de a ver? — Tenho uma pessoa. Mas só paga setecentos.

— Vou desligar agora.

— Relaxa. Eu assumo o resto. Envia-me a informação. — Ele esfregou o caroço afiado na garganta. — É por minha culpa que ela tem de encontrar um quarto para arrendar, para começar. É o mínimo que posso fazer.

CAPÍTULO TRÊS



Tallulah parou em frente ao edifício e o seu maxilar pareceu soltar-se, caindo até à zona dos tornozelos. Era este o sítio onde Burgess esperava que ela alugasse um quarto? Terá ele interpretado mal o orçamento dela, que era de sete mil por mês, em vez de setecentos?

Linhas modernas, exterior em pedra cinzenta, crisântemos a espreitar pelas floreiras da janela, lanternas a gás penduradas de cada lado da porta de vidro. O sítio era um postal de Boston.

— O apartamento deve ser uma fachada para uma comuna de palhaços — murmurou ela, entrando e procurando o 3F na fila vertical de campainhas. — Ou Chloe é o nome de código de um grupo de financeiros ricos que precisam de um sítio para se reunirem para executarem rituais pagãos noturnos. Eu sou obviamente o sacrifício desta noite. — Carregou no botão da campainha. — É estranho que eu ainda queira alugar o quarto?

— Não. É um ótimo quarto! — disse uma voz entusiasmada do outro lado. — Chamo-me Chloe. Sobe!

Tallulah encolheu-se.

— Estou a ir!

Chloe era obviamente um isco.

Quantas pessoas tinham sido atraídas para a sua morte aqui pela promessa de um custo de vida acessível? Com uma renda tão barata, como é que este sítio ainda não tinha sido alugado?

Não pela primeira vez naquela manhã, pensou se não teria cometido um grande erro ao recusar o quarto gratuito oferecido por Burgess.

Burgess.

Continuaria a pensar nele por culpa? Porque se sentia mal por ter quebrado o acordo? Ou será que era o facto de a sua postura pensativa… a atrair? Tallulah era muito boa a fazer conversa fiada. Quando se trabalhava em laboratórios de investigação na Antártida e noutros locais com um grupo de biólogos introvertidos, aprendia-se a preencher o silêncio. E o seu dom de tagarelice tinha sido aperfeiçoado em muitas saídas noturnas durante a licenciatura.

Ontem, com Burgess, ela tinha saltado a conversa fiada.

Eles tinham-na contornado completamente… e nada daquilo pareceu demasiado cedo. Ou desconfortável.

Não havia explicação, exceto que algo no seu olhar intencional fez com que Tallulah sentisse que já tinham ultrapassado as formalidades. Claro que se tinham encontrado uma vez, há meses, mas isso não devia ser suficiente para a obrigar a abrir-se tão rapidamente.

O que *é* que ele tinha?

Sacudindo as suas inúteis reflexões, Tallulah subiu as escadas, lentamente, nas pontas dos pés, mantendo o dedo no gatilho do *spray* de gás-pimenta que tinha aberto no bolso. Acima dela, ouviu o ranger suave de uma porta a abrir-se. Até então, não ouvira nenhum cântico, mas os malvados oligarcas podiam estar a trabalhar. *Alguém* tinha de pagar a renda deste sítio. Obviamente, não seria Tallulah — ela estaria morta. Sacrificada ao deus da prosperidade ou algo do género.

Contornou o corrimão no cimo da escadaria…

E encontrou uma loira etérea a olhar para ela de uma porta aberta no extremo oposto do corredor, com tiras de gel em forma de meias-luas presas debaixo dos olhos.

— És a Chloe?

— Sim — sussurrou a loira. — Despacha-te, antes que o senhorio me veja. Ele bateu-me à porta para me pedir a renda… e eu tenho-a. A *maior parte* dela. O Sig deu-me um cheque para setembro e eu depositei-o, como era suposto. Mas posso ter levantado uma pequena parte para o essencial.

Tallulah avançou pelo corredor.

— Tal como?

— Oh, isto e aquilo. — Chloe afastou-se para permitir que Tallulah entrasse no apartamento, com o seu sorriso brilhante a dissolver-se em pavor. — Uma das comodidades do edifício é o Wi-Fi. Achas que o senhorio consegue ver o que estou a comprar *online*?

— Não sei — disse Tallulah com sinceridade.

— Aposto que sim. Oh, bolas. — Chloe arrancou as tiras de gel que tinha debaixo dos olhos, batendo e pressionando a pele fresca e descoberta, como se quisesse ver se os pensos tinham feito alguma diferença. — Deixa-me mostrar-te o quarto.

Pela primeira vez, Tallulah virou-se para olhar para o apartamento — e só ficou mais desconfiada. Era um palácio de tetos altos, banhado pelo sol. Uma planta aberta, incrivelmente espaçosa, com uma cozinha de chefe de um lado e uma sala de estar rebaixada do outro. Com muita vegetação. Decorada com bom gosto, até ao cesto de tecido cheio de mantas. Bem, pelo menos tirando a camisola de Gauthier emoldurada e os galhardetes dos Boston Bearcats por cima do sofá.

Chloe saltitou à frente dela até ao fim do apartamento, onde havia um pequeno corredor. Abriu uma porta e fez uma vénia.

— Os seus aposentos, madame.

— Quantos oligarcas estão escondidos aí dentro?

Chloe suspirou.

— O quê?!

— Esquece. — Tallulah nem precisou de atravessar a porta para saber que o quarto era um sonho tornado realidade, provavelmente até tinha uma casa de banho privativa. — Chloe, é impossível alugares um quarto neste apartamento por apenas setecentos dólares por mês.

O sorriso dela nunca vacilou.

— Sim, foi isso que o Sig me disse para dizer. — Ela estremeceu, batendo com a mão na boca. — Quero dizer… sim! É esse o preço.

Tallulah estava desconfiada.

— Tens a certeza? Assim por alto, acho que podes receber o quádruplo. — Ela sentiu que Chloe estava a tentar fazer contas mentais e talvez não estivesse a ter a melhor das sortes. — Uns dois mil e oitocentos, *babe*.

— Pois. — Chloe acenou com a cabeça como se ambas estivessem a par de um grande segredo. — Não sei. Eu simplesmente vivo aqui e espero que tudo corra bem.

OK. Não.

Alguém podia facilmente aproveitar-se da rapariga… mas não seria ela.

— Chloe, acho que devias alugar o quarto por um preço melhor, está bem? Não consigo imaginar quanto é que este apartamento deve custar mensalmente, mas podias encontrar alguém disposto a pagar mais. Isso não te facilitaria as coisas?

— Não sei — respondeu ela lentamente. — Tudo é bastante fácil, como está.

Os lábios de Tallulah contraíram-se.

— Fico feliz por ti. — Hesitou, mas decidiu que não seria capaz de viver consigo mesma sem oferecer alguma ajuda. — Olha, vou dar-te o meu número de telemóvel. Quando voltares a colocar o quarto para alugar, liga-me se precisares de ajuda para escolher candidatos.

Os ombros de Chloe caíram.

— Então não vais aceitar?

— Não.

— Oh, bolas! — disse a loira, entrando na sala, virando-se graciosamente e voltando a sair. — Mas eu fiz exatamente o que o Sig me disse para fazer.

Um alarme começou a soar na cabeça de Tallulah.

— Que foi…?

— Cobrar-te setecentos e ele receberia o resto da tua parte do Burgess. — Depois de um longo momento a olhar para o teto, Chloe suspirou. — Não me lembro se te devia ter dito isto. O Sig sabe que não me deve ligar durante a minha rotina noturna. É como se *quisesse* que eu ficasse com os poros entupidos.

Enquanto Tallulah se mantinha no lugar, a remoer aquela bomba de informação, Chloe dirigiu-se para a sala de estar, sentando-se no seu sofá cinzento estofado e abraçando os joelhos contra o peito.

— Sei que és amiga do Burgess, mas o Sig é o melhor da equipa, apesar de não ser o capitão. Mas *devia* ser. Não me importo que digas ao

Burgess que eu disse isto. — Ela estremeceu. — Na verdade, não digas. Ele é ainda mais assustador do que o meu senhorio.

— Espera, espera. — Tallulah acenou com as mãos, desesperada por recuperar o controlo da situação. — Vamos começar do princípio. O Burgess ia pagar-me a renda?

— A maior parte, sim. — Chloe franziu os lábios. — Não devias estar contente com isso?

— *O quê?* Não!

— Porquê? — suspirou a loira.

— Porque quero pagar a minha própria renda — disse Tallulah. — Não quero ficar a dever-lhe nada.

— Mas não era suposto saberes. — Ela baixou a voz para um sussurro. — Faz de conta que nunca descobriste.

— *Chloe.*

— *Bem.* — A sua quase-futura companheira de casa ficou pensativa por um momento. — O Sig disse que o Burgess achava que a culpa era dele por não teres para onde ir. Disse que pagar uma parte da renda era o mínimo que podia fazer.

O coração de Tallulah começou a bater mais depressa, a humidade a fugir-lhe da boca.

— Eu… não acredito que ele tenha feito isto.

— Estás zangada com isso?

— Devia estar! — conseguiu ela dizer, forçando-se a respirar fundo.

— Ainda não percebi bem porquê — disse Chloe. — É como se fosse um presente. Uma prenda mensal. E toda a gente adora presentes.

Tallulah também não sabia muito bem porque é que estava zangada. Ou se estava zangada de todo. Estava sempre à espera de que a indignação tomasse conta dela, mas tudo o que sentia era uma espécie de… comoção. Ridículo, não? Sim! Era ridículo! Mas não conseguia deixar de se lembrar de que ontem, quando explicou as suas reservas a Burgess na loja de batidos, ele as reconheceu sem a fazer sentir-se tola ou como se estivesse a exagerar. Não tinha tentado convencê-la a mudar de ideias. Calmamente, fizera algo para ajudar sem receber qualquer crédito.

— Estou zangada porque ele… me manipulou — explicou ela, embora o seu coração não alinhasse nisso. — Não preciso da ajuda dele. Podia ter encontrado um sítio totalmente adequado sozinha.

— E no entanto…

— E, no entanto, ele nem sequer me ia dizer.

— O Sig não deve ter dito ao Burgess que eu sou uma fala-barato.

— Não és uma fala-barato. És apenas… inocente.

Chloe levou uma mão no peito.

— Obrigada.

— Não tens de quê. Ouve, Chloe. Se voltares a tentar alugar o quarto, liga-me, para eu poder ajudar. Mas não me vou aproveitar de ti desta maneira. Nem do Burgess, já agora. Não posso. — Ela atravessou a sala e estendeu a mão para um aperto, lembrando-se do seu voto de fazer mais esforços para socializar. — Na verdade, liga-me mesmo que não precises de ajuda para alugar o quarto. Devíamos ir beber um copo, certo?

— A sério? — Chloe pôs-se de pé e abraçou Tallulah, fazendo-a recuar um passo. — Sim! Adoraria.

— Eu também. — Divertida, Tallulah deu-lhe uma palmadinha nas costas. — Ainda bem que não és um oligarca.

Chloe deu um passo atrás, radiante.

— Ainda não sei o que isso é.

— São ainda mais prepotentes do que os jogadores de hóquei. — Tallulah dirigiu-se para a porta, acenando-lhe no caminho. — Mas só um bocadinho.

Tallulah não se lembrava de ter descido as escadas, de tão concentrada que estava nos seus pensamentos. Este quase estranho tinha tentado orquestrar a sua situação. Tinha-se disposto a desembolsar quase dois mil dólares por mês em seu nome. Porque se sentia responsável pela situação dela?

Irreal.

Ela estava zangada. Ou tentava estar, pelo menos. Mas, acima de tudo, estava confusa.

E também… o quê? *Intrigada?*

Ele tinha-se esforçado para a ajudar, com um custo para si próprio. Afinal de contas, se ela não tivesse conseguido encontrar um quarto acessível para alugar, havia a possibilidade de ela não ter tido outra escolha senão rastejar de volta para Burgess e aceitar a sua oferta de um quarto com a porta trancada, arranjando-lhe assim uma *au pair e* libertando-o do trabalho entediante de entrevistar novas candidatas.

Mas será que a sua motivação era mesmo a segurança dela? Juntamente com a sua própria culpa?

Se assim fosse, será que as suas ações eram controladoras ou… uma tentativa mal orientada de ser útil?

Tallulah não sabia, mas ia descobrir.

Ou seja, ia voltar a ver o pai solteiro Golias.

E o seu estômago não estava a agitar-se de entusiasmo com esse facto.

Definitivamente, não.